

URBANISMO TARDO-ROMANO NO CLAUSTRO DA SÉ DE LISBOA

Clementino Amaro

INTRODUÇÃO

O urbanismo romano no território português ainda se encontra num estágio de conhecimento modesto dadas as reduzidas intervenções arqueológicas realizadas em meio urbano, quer de forma sistemática, quer em ações de salvamento. Durante muitos anos realizaram-se várias obras nos núcleos históricos das cidades sem qualquer acompanhamento científico dos mesmos.

Outra dificuldade acrescida para o conhecimento da arquitetura urbana romana é a sobreposição das actuais cidades sobre a maioria das antigas como são os casos de Braga, Chaves, Coimbra, Viseu, Santarém, Lisboa, Évora, Beja, Faro entre outras.

No entanto, a partir da década de 80 nota-se uma certa evolução na arqueologia urbana por um lado, como resultado da criação do Instituto Português do Património Cultural e respectivos serviços regionais de Arqueologia e por outro lado por uma gradual criação de gabinetes técnicos junto das autarquias, vocacionados para o levantamento dos núcleos históricos e inclusivé, para a actuação no terreno, como é o caso dos gabinetes recentemente criados para os bairros históricos de Lisboa e ainda por iniciativa de outros agentes culturais.¹

As acções em curso vão permitir a curto prazo um conhecimento mais alargado e preciso de como foram aplicados os princípios arquitectónicos impostos por Vitruvio, bem como as necessárias adaptações à topografia do sítio e aos condi-

cionalismos muitas vezes impostos pelos traçados anteriores –oppida indígenas– no planeamento da cidade romana.

Lisboa a Olisipo Felicitas Julia dos romanos é um exemplo de cidade disposta em anfiteatro entre a colina do Castelo Terreiro do Trigo, Campo das Cebolas, antiga Ribeira Velha até, grosso modo a Rua Augusta e onde vestígios significativos da 1ª e 2ª Idade do Ferro começam a ser registados.

São já conhecidos alguns edifícios romanos na cidade embora, ainda escassos para se arriscar mais do que uma proposta de esquema urbanístico de Olisipo.²

Os poucos edifícios foram localizados no decurso das obras na Colina do Castelo na sequência do terramoto de 1755. São os casos do Teatro Romano descoberto em 1798 e as Termas dos Cássios, descobertas em 1771 durante a construção do Palácio do Correio-Mor.

O Templo de Cibele junto à Igreja da Madalena foi descoberto dois anos antes do terramoto quando se procedia a abertura de alicerces no local.³

A 1ª escavação sistemática para a recuperação de um importante edifício –o teatro– ocorreu na década de 60 (1964 a 1967) para logo serem interrompidas até ao ano do seu reinício em 1989.

Acções de emergência a escavações programadas encontram-se já em curso noutros edifícios como a escavação das Termas dos Cássios, de uni-

1. AMARO CLEMENTINO, 1991 Lám. IX. Encontro Nacional de MTLs.

2. VASCO GIL MANTAS, no seu artigo sobre As Cidades Marítimas da Lusitania e integrado na obra *Les Villes de Lusitanie Romaine* apresenta um significativo esquema urbanístico de Olisipo sobre uma planta do sec. XVII e no qual sobrepusémos, referenciado por S.A. a calçada romana que se localiza no claustro da Sé de Lisboa.

3. MOITA E LEITE, 1986, pp. 55-67.

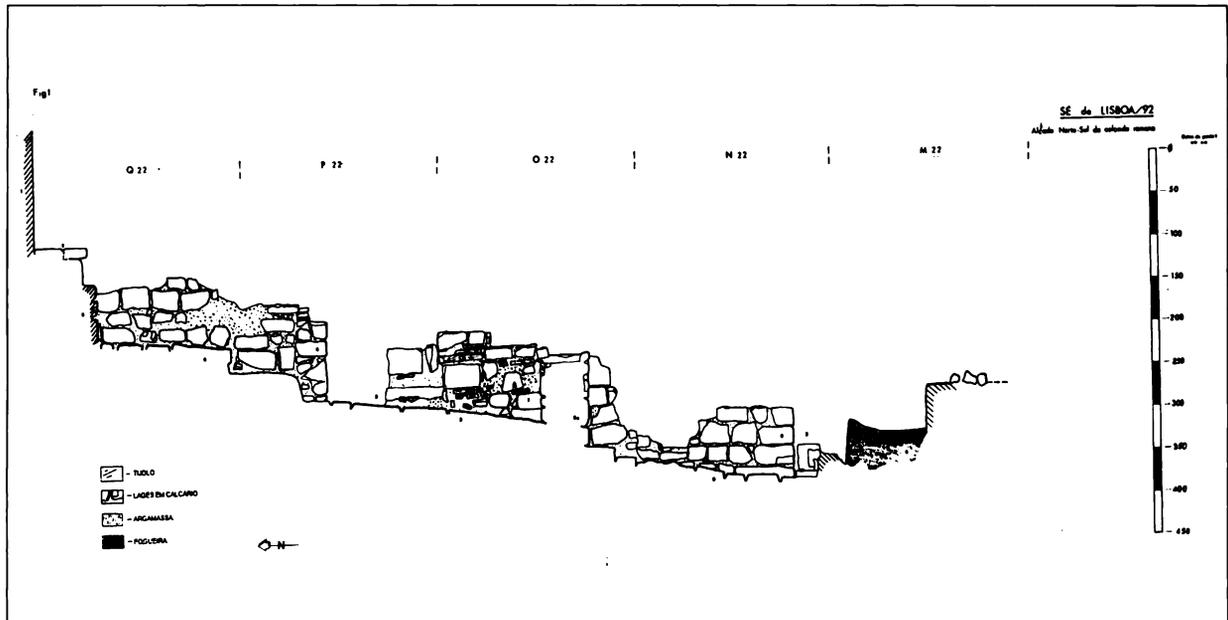


Figura 1.

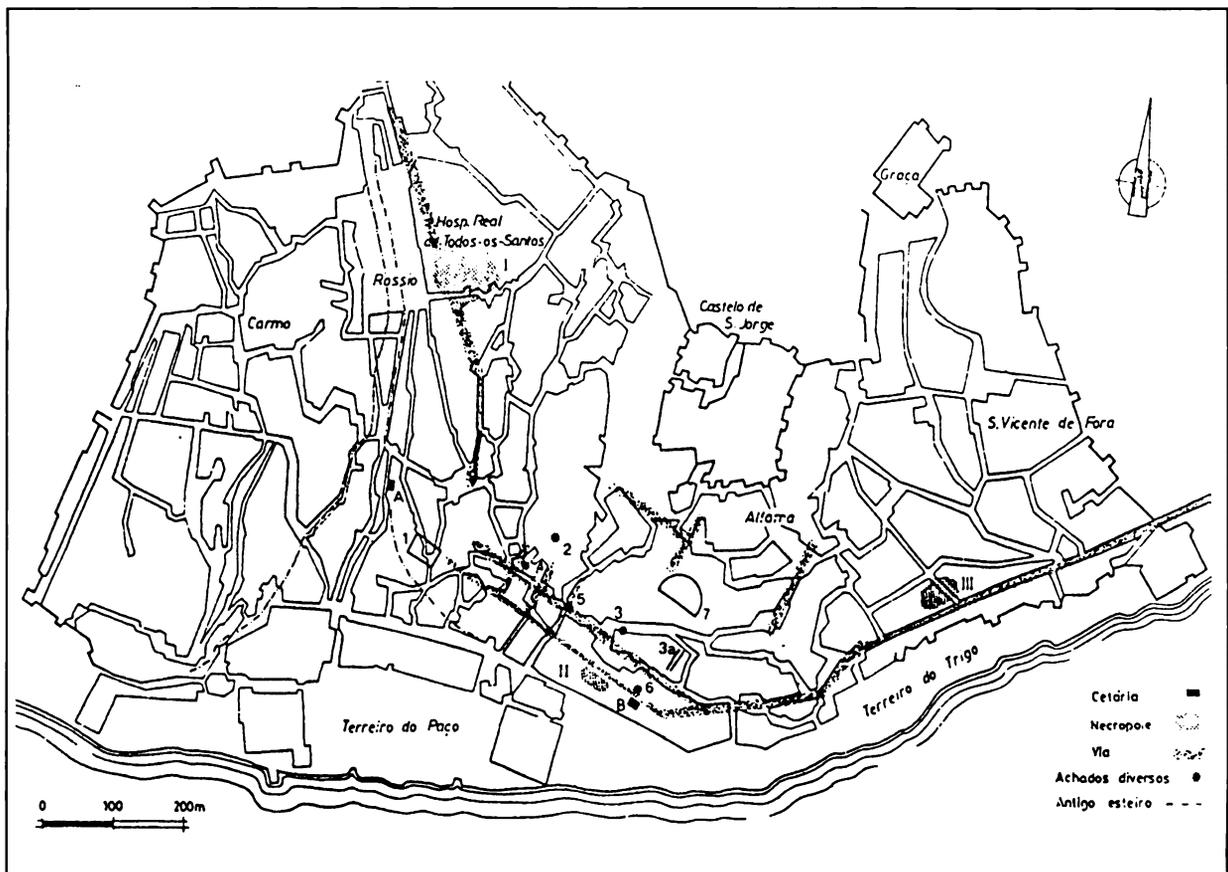


Figura 2. Esquema urbanístico de *Olisipo* (Lisboa) sobre uma planta do séc. xvii. 1. Ruínas da Rua da Prata; 2. Termas dos Cássios; 3. Catedral; 4. Vestígios da zona da Madalena; 5. Localização da Porta do Ferro; 6. Miliário da Casa dos Bicos; I. Praça da Figueira; II. Ribeira Velha; III. Cruz da Pedra; A. Rua Augusta; B. Casa dos Bicos.

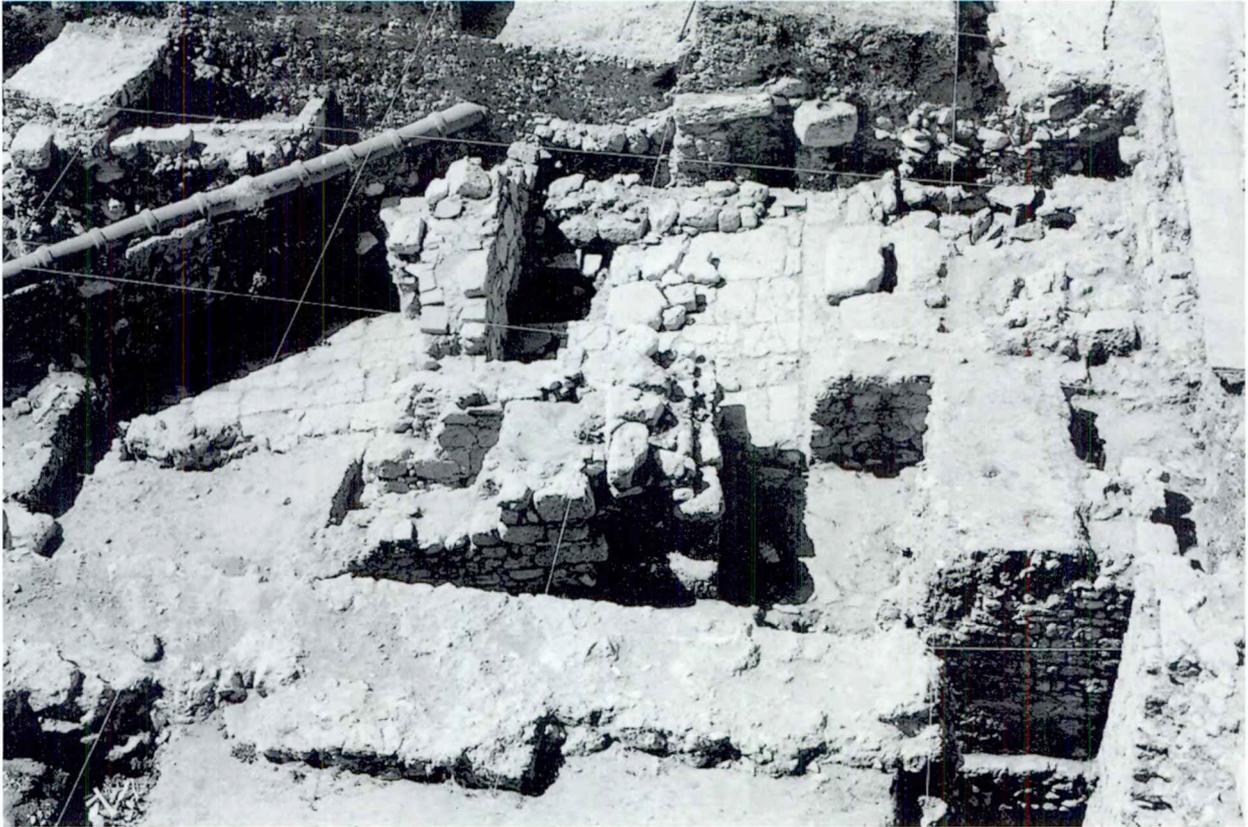


Figura 3. Dois dos patamares da calçada romana separados por um muro tardo-romano.

dades fabris de conserva de peixe na rua Augusta e de um arruamento no claustro da Sé de Lisboa.

CALÇADA ROMANA

O feliz acaso de uma tampa da boca da cisterna ter abatido, dando assim a conhecer a sua existência no jardim do claustro da Sé, veio despoletar a realização de sondagens arqueológicas em inícios de 1990.⁴

No momento actual dos trabalhos arqueológicos ressalta a presença de uma rua secundária na malha urbana da cidade. Esta ligaria a rua que corre a Norte e que passaria nas traseiras do palco do teatro e a que corre a Sul e que poderia fazer a ligação ao forum na presunção de este se localizar no largo de Santo Antonio ou da Madalena.

A rua organiza-se alternando patamares com

degraus como solução de vencer o declive da encosta (fig. 1). Esta organização espacial permite simplesmente a circulação de pessoas e animais. A orientação desta calçada é, sensivelmente NE/SW o que encaixa perfeitamente no esquema urbanístico de Olisipo proposto recentemente por Vasco Gil Mantas (Fig. 2, 3-A). A orientação seguida pela fabrica de salga da Baixa Pombalina enquadra-se no esquema geral da cidade, mas aqui também em articulação com o braço de rio que se estendia até cerca do Rossio.⁵

O troço da rua posto a descoberto tem cerca de 14,50 metros de comprimento e a sua largura e de 2,80 metros. São visíveis três patamares separados por dois degraus e constituídos por grandes lages de calcário (fig. 1, n. 9).

Sob esta via corre um esgoto com cerca de 0.60 metros de largura por 1,00 metro de altura até ao arranque da aboboda. É lageado no fundo e recebe os esgotos domésticos já visíveis no lado Poente da rua.

Até ao momento só na ala Nascente da rua se

4. Os trabalhos arqueológicos são coordenados pelo signatário e por José Luís de Matos, ambos técnicos do Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

5. AMARO, BUGALHÃO, SABROSA, 1991 (no prelo).



Figura 4.

comêçam a definir dois compartimentos e respectiva porta de acesso (fig. 1, n. 3) e que correspondem, tudo o sugere, a lojas (tabernae).

Põe-se a questão se estamos perante uma zona de construção de vivendas de famílias ricas (domus) ou se de prédios de vizinhos (insulae). A questão da proximidade ou não do *forum* não é decisiva para a localização das vivendas ricas.⁶ O aparecimento de grande quantidade de fragmentos coláveis de mosaico geométrico dentro do esgoto, associados a cerâmica comum atribuível à 1ª metade do séc. XIV, pode indiciar estarmos perante a presença de compartimentos, atapetados a mosaicos e que terão sido arrasados aquando da construção do claustro, no reinado de D. Dinis. O alargamento da área de escavação que está em curso poderá contribuir para o esclarecimento desta questão.

A leitura do urbanismo romano é ainda aqui problemática, tanto mais que esta zona como tantas outras, sofreu várias reconstruções e edificações de novas estruturas, com reaproveitamen-

tos muitas vezes das anteriores, atribuíveis aos períodos Muculmano, Medieval e ainda após o Terramoto de 1755. Nesta última fase o claustro foi totalmente “mascarado” por edifícios e pátios destinados a vários serviços da Sé e são arrasados nos anos 20 e 30 de nosso século pelo arquitecto Antonio Couto.⁷

Este primeiro momento de urbanismo romano registado na Sé, de que, subsiste a calçada e alguns panos de muros, e atribuível ao séc. I d.C.

O teatro romano, que se encontra sobranceiro ao claustro, é uma construção do séc. I d.C. eventualmente do período de Augusto e valorizado no período de Nero.⁸ Esta situação reforça a ideia de um plano urbanístico concretizado na mesma altura para esta área da cidade.

A crise vivida pelo Imperio no séc. III, resultado da instabilidade vivida pelas incursões barbaras, acelerada militarização da estrutura politico-administrativa e uma certa decadência da vida urbana e da importância da cidade como centro

6. ALARCÃO, 1990, p. 479.

7. SUMMAVIELLE, 1986, pp. 7-15.

8. RODRIGUES, 1987, suplemento da revista Ingenium.



Figura 5.

cívico, leva que as cidades se retraíam, construam muralhas defensivas e, concomitantemente alterem a malha e a função de certos espaços urbanos.

Segundo tudo indica, o teatro foi destruído nos finais do sec. III e parte da sua pedra foi usada na construção da cerca da cidade.⁹

No caso da calçada romana, esta, sensivelmente na mesma altura, foi pura e simplesmente eliminada na rede viária da cidade e o seu espaço foi compartimentado com a construção de muros transversais no sentido da via fig. 1 n.º 5 e 5-A definindo novas habitações.

Sobre o arruinado teatro foi igualmente construída uma casa nos finais do sec. III.

Particularmente importante será também identificar-se o momento de abandono ou mesmo de destruição violenta (com o terramoto de 446?) desta área residencial. O estudo da maioria dos materiais arqueológicos está ainda na fase preparatória pelo que ainda é cedo propor-se com segurança qualquer cronologia credível. No entanto, a

grande presença de cerâmica Late Roman C e de dois fragmentos de anforas da classe 45 de Peacock e Williams na camada de abandono, pode sugerir que esta zona tenha sido entulhada na 1ª metade do sec. VI d.C.¹⁰

Estamos perante a presença de testemunhos materiais que marcam uma certa continuidade e importância comercial com o Mediterrâneo Oriental.

Há alguns indicadores que sugerem que nesta área terá sido construído um templo de traça visigótica atendendo, nomeadamente aos inúmeros silhares e linteis incorporados nos muros e contrafortes da Sé. Alguns destes elementos eram originariamente romanos e foram reutilizados neste período.¹¹

Até ao momento nenhum vestígio recolhido no claustro dá alguma achega a esta questão.

9. Esta opinião é expressa pelo actual coordenador das escavações arqueológicas Dr. António Dias Diogo.

10. Dois dos pratos pertencentes à forma 3 - tipos Fe E (?) de Hayes o primeiro apresenta uma cruz colocada no centro com duplo contorno exterior; inícios do séc. VI. O segundo a cruz monograma com dois pendentes abaixo dos braços com contorno simples; (11)-(finais do sec. V / Inícios do sec. VI).

11. SALVADO E FERREIRA, 1084, pp. 3-26.

Aguarde-se pela continuidade dos trabalhos arqueológicos que poderão incluir, se as condições e as vontades o permitirem, sondagens arqueológicas no interior da Sé.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, JORGE, C. 1988. *Dominio Romano em Portugal*, Lisboa.
- ALARCÃO, JORGE, capitulo. *A construção na cidade e no campo in Nova Historia de Portugal*. Vol. I. Lisboa.
- ALARCÃO, JORGE, ETIENNE, ROBERT, 1977. *Fouilles de Conimbriga, I. Architecture*. Paris.
- AMARO CLEMENTINO, 1991. A Arqueologia Urbana de Lisboa no Ambito da Actual Reabilitação do Centro Historico in *IV Encontro Nacional de GTL'S*. 1991.
- AMARO CLEMENTINO, BUGALHAO, Jacinta e Sabrosa Armando, Complexo Fabril Romano na Rua Augusta in *Actas das 1^{as} Jornadas da Romanização dos Estuários do Teio e Sado* (no preio).
- LEITE, ANA CRISTINA, 1987. *Lisboa Romana in Arqueologia no Vale do Tejo*. Lisboa.
- MANTAS, VASCO GIL, 1985. Arqueología Urbana e fotografia Aérea: contributo para o estudo do urbanismo antigo de Santarem. Evora e Faro, in *I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*. Setubal. Lisboa, pp. 13-26.
- MANTAS, VASCO GIL, 1991. As Cidades Marítimas da Lusitania, in *Les Villes de Lusitanie Romaine*, Bordéus, pp. 149-205.
- PETIT PAUL, 1977. *Historia Universal. O Mundo Antigo*, Lisboa.
- RODRIGUES, ADRIANO, VASCO, 1987. Teatro Romano de Felicitas Julia Lisboa). Suplemento da ingenium, *Revista da Ordem dos Engenheiros*, Lisboa.
- SALVADO SATELE SIMOES E FERREIRA, SEOMARA DA VEIGA, 1984. Alguns elementos Pre-Românicos Reutilizados nos Paramentos Exteriores da Se de Lisboa, in *Revista Municipal*. Lisboa, 1^o Trimestre de 1984, pp. 3-26.
- SUMMAVIELLE ELISIO, 1986. *Igreja de Santa Maria Maior*. Lisboa.

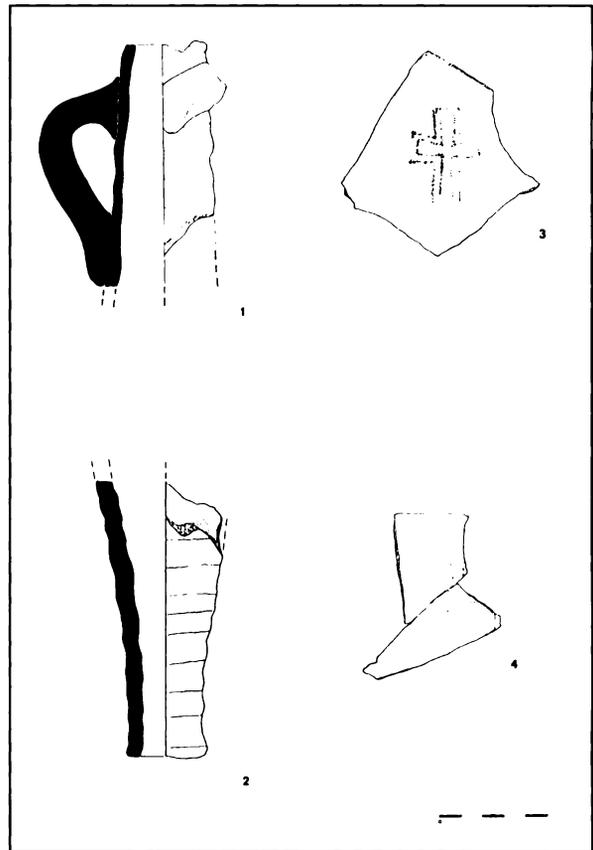


Figura 6.